



## CASÉ LONTRA MARQUES

### **“em hora arredia, / arar o que mais arde”**

Há mais de uma década, a poesia de Casé Lontra Marques vem ocupando esse “no agora e aqui pouco sabido”<sup>1</sup> espaço da cena poética brasileira contemporânea. Nascido em 1985 em Volta Redonda/RJ, vive em Vitória/ES. Inaugura seu percurso em 2008, com a publicação de *Mares inacabados* (Flor & Cultura), e publica, mais recentemente, *O som das coisas se descolando* (Aves de Água, 2017) e *Desde o medo já é tarde* (7Letras, 2018), que integram um conjunto de mais de dez títulos publicados. Algumas de suas obras foram publicadas, até o momento, apenas em formato eletrônico. Essas obras e mais do que o poeta tem escrito podem ser lidas em seu site pessoal: <http://caselontramarkes.blogspot.com/>.

Sua obra ausculta sentidos mais essencialmente encontrados numa experiência radical com o signo poético, num exercício que se mostra visceral. Desmontando toda previsibilidade, deixa entrever uma consciência dilemática em que a *palavra* surge como matéria a ser acomodada ao dramático impulso que reivindica – e alcança – sua individualidade poética.

Buscando dialogar acerca de aspectos gerais de sua obra, a entrevista que segue, e que traz como parte do título dois versos do segundo poema de *Sons e coisas se descolando*, foi realizada entre os

<sup>1</sup> Expressão capitular de Alexei Bueno em sua *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007, p. 396.

meses de maio e junho de 2020, por e-mail, a **Cleber da Silva Luz**<sup>\*</sup> e **Sandro Adriano da Silva**<sup>\*\*</sup>. Nela, Casé reflete sobre o lugar da poesia hoje, o papel do público leitor e da crítica de poesia. Trata do seu trabalho com o gênero lírico, os recursos poéticos que compõem em sua produção, o trabalho com a forma e com o conteúdo de seus poemas, os principais temas que os emolduram, como, por exemplo, a morte, a ausência, a incompletude e as limitações da linguagem. Por fim, o poeta comenta sobre sua compreensão da linguagem poética no gesto criador.

<sup>\*</sup> Mestrando em Estudos Literários na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>\*\*</sup> Doutorando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão).

**Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva** – *Poesia, ainda?*

**Casé Lontra Marques** – Sempre. Ou melhor: enquanto houver “ainda”, teremos poesia. Em textos escritos, em produções faladas – mas também em gestos. Em silêncios, claro. E sobretudo em certos estados de presença. Pois os seres humanos carregamos signos linguísticos como parte de nossa carne, junto com outras manifestações simbólicas; algo em nós parece que nos excede irremediavelmente. Instigando, perturbando. Estar na vida é se surpreender.

**Cleber e Sandro** – *Mais de uma década após a publicação de seu primeiro livro de poemas, Mares inacabados (2008), e com mais de 10 livros publicados, como você avalia o lugar da poesia hoje, considerando-se o público leitor e o papel da crítica, incluindo a crítica produzida na academia?*

**Casé** – Questão ampla, possivelmente irrespondível, a começar pelo fato de a poesia ocupar tantos espaços, atuando em tantas situações. O mundo que nossa espécie construiu/constrói para si se encontra imerso em fenômenos poéticos: conversas cotidianas, canções que tomam a mente, contações de histórias com técnicas diversas, além de escritas dos mais diferentes gêneros. Em livros, telas. Em muros. Como se pode notar, minha concepção é extensa – gosto assim. E ainda acrescento experiências em torno das palavras: aquelas que antecedem, perpassam e sucedem as palavras. Mais pessoas poderiam se dedicar à leitura, verdade; seria um perigo para o poder. Para toda forma de poder – o que desejo que aconteça, compreendendo, no entanto, que isso dificilmente será disseminado como eu, às vezes, sonho. De toda maneira, acredito na potência de lutar (mesmo sem perspectiva de melhores horizontes). Quanto à

crítica: que ela se ramifique. O campo literário se constitui, faz bom tempo, também das incursões que, partindo de determinadas obras, chegam a lugares de sensibilidade impensáveis. Sou pouco afeito a formulações definitivas. Mas considero – sem nenhuma hesitação – o conhecimento universitário fundamental para a literatura, bem como para o que for. Sem exagero. Tenho um prazer enorme em me expor à complexidade, o que creio ser um dos ofícios da academia em qualquer área; por isso, o que as graduações e pós-graduações ofertam à sociedade me entusiasma.

**Cleber e Sandro** – *Sua produção se concentra na poesia, apresentando apenas Pandareco (2016) em forma de prosa poética. Pretende publicar textos de outros gêneros literários?*

**Case** – Até o momento, a poesia – com sua extrema generosidade – acolheu melhor o meu modo de não saber escrever (inclusive no caso do livro que citou); daqui em diante, não sei o que será. Aliás, desconheço se haverá um “daqui em diante” para a minha relação com a criação literária. E tem sido deliciosa essa suspensão.

**Cleber e Sandro** – *Nota-se que sua poesia investe em recursos poéticos em favor da sonoridade e da plasticidade. Poderia nos falar mais sobre esse trabalho com a poeticidade?*

**Case** – O que escrevi como que foi propiciado, desde minhas composições iniciais, por uma pulsão imagética, assim como por uma pulsão sonora, elementos que se unem (às vezes mais, às vezes menos conflituosamente) a uma pulsão semântica. Tudo ou quase tudo que pude desenvolver com a poesia começou de uma reunião inesperada

de palavras – inesperada para mim, ao menos. Uma frase delineada como que se põe a chamar outras para uma conversa franca, contudo deslizante: tropeços, elipses, levitações... O texto vai recolhendo o que for do seu paladar.

**Cleber e Sandro** – *Ao longo de seus livros, é possível inferir a busca de uma dicção poética. Seus poemas se orientam por uma espacialidade na página, como um investimento na disposição gráfico-visual, a predileção pelo enjambement, aliado a uma sintaxe ao mesmo tempo vertiginosa e interceptante. Poderia nos falar como você concebe o horizonte de expectativa do leitor de poesia no reconhecimento dessa “competência poética”, para lembrar Décio Pignatari?*

**Casé** – Nunca meditei a respeito. Minha jornada com a escrita se vincula (ou se vinculou, por enquanto) ao meu esforço de estar na vida com alguma intensidade. Isso foi meu norte – caso exista, afinal de contas, algo assim. Considerando a poesia que pratiquei de dentro da oficina, tenho pouco a comentar, infelizmente, sobre o assunto: os recursos empregados tiveram por motivação a própria experiência de sua execução, que me ofereceram inúmeras possibilidades de tatear o mundo.

**Cleber e Sandro** – *Você tem formação em Letras, em níveis de graduação e pós-graduação. Estudou, ministrou aulas e desenvolveu pesquisas sobre literatura, mais especificamente poesia. Na sua opinião, todas essas personae unificam-se ao Casé poeta e participam, de alguma forma, do processo de criação dos poemas?*

**Casé** – Uma pessoa – simplesmente qualquer pessoa – possui várias camadas geológicas, atuando em tempos múltiplos. Nossos atos e

palavras, advindos de esferas incontáveis, agem em planos distintos, porém não dissociados de todo; então, percebo que há, naquilo que escrevi, um vestígio ou indício de tudo que pratico/experimento em outras latitudes. Não é um processo linear. Pelo contrário: mais parece (a meus olhos) um emaranhado de fluxos. Os poemas são o que chegaram a se tornar devido, em parte, ao que vivenciei antes e, claro, durante a sua feitura. Mas isso está longe de os esgotar – pois a poesia irrompe do inesperado.

**Cleber e Sandro** – *O medo, a falta, a incompletude, a melancolia são temas recorrentes em sua produção poética... Angústia de quem vive?*

**Casé** – Por determinado ponto de vista, sim. Mas um imenso desconforto em viver, especialmente para nós, antes que desdobram a vida, vivendo o viver – cientes, em alguma medida, da finitude ou, noutro termo, da impermanência. Espero, apesar disso, que haja no que escrevi sinais, talvez nem tão ínfimos, das forças que impulsionam a existência (humana e não humana).

**Cleber e Sandro** – *Como a poesia se relaciona com a morte?*

**Casé** – O advento das palavras ilumina e obscurece, num só tempo. Ilumina o quê? A inevitabilidade da morte, no sentido de abolição do que conhecemos como subjetividade. Contudo, o lance não acaba aí: pois isto, a abolição da subjetividade, não constitui a integralidade da vida, atravessada por várias interconexões. Tentando intuir os constantes fluxos de transformações que constituem o que existe (como matéria orgânica ou inorgânica), não há morte – células e, antes, átomos se reagrupam perpetuamente, originando outros corpos. Outras constelações.

**Cleber e Sandro** – *Desde* Enquanto perder for habitar com exatidão até O som das coisas se descolando, *evidencia-se a poesia como uma tradução da experiência. Poderia comentar um pouco sobre sua crença na linguagem da poesia?*

**Casé** – Serei direto: perceber (e, operação ainda mais enalacrada, aceitar) o desejo de escrever me salvou. Mas em que sentido? Vários, vários mesmo – concretamente falando. Sem isso, talvez eu não tivesse conhecido o amor. Ou a amizade, que não distingo do amor (com seus universos, com seus multiversos) na maior parte das circunstâncias... Voltando. Sem isso, eu não teria tido coragem – acredito – para fazer valer escolhas que há muito se tornaram imprescindíveis. A poesia para mim tem uma ligação densa com a vida. E mais: com a existência. Para além das malhas/teias humanas, ainda que aquém delas. Em resumo (será?), a poesia – aparição espessa, contudo sutil – reorganiza o gozo desatando a resignação.